



1476 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

As possibilidades da Educação Ambiental na Educação Infantil: o olhar do professor da primeira infância
Daniela Gureski Rodrigues Ladchuk - PUC/PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Daniele Saheb - PUC-PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Chrizian Karoline Oliveira - ESCOLA

A Educação Ambiental no âmbito da Educação Infantil, possui diversas especificidades, visto que é nessa faixa etária que buscou desenvolver a noção de pertencimento da criança com o meio no qual está inserida. Assim buscou-se investigar a seguinte questão: Quais as possibilidades para desenvolver Educação Ambiental na primeira infância, segundo as professoras da Educação Infantil da Rede Municipal de Curitiba/Paraná? Buscando analisar como a concepção de Educação Ambiental dessas professoras influencia na compreensão do trabalho com a Educação Ambiental. Para tanto a presente pesquisa de cunho qualitativo foi realizada na cidade Curitiba/Paraná em 5 Centros Municipais de Educação Infantil, como instrumento de pesquisa optou-se pela entrevista estruturada, a qual foi realizada com 5 professoras da Educação Infantil. Por meio da análise dos dados foi possível identificar que a concepção mais presente na fala das professoras é convergente as correntes naturalista e conservacionista (SAUVÉ,2015). Além disso as professoras apontaram diversos aspectos que contribuem para que o trabalho com a Educação Ambiental ocorra na educação infantil, tais como a realização de cursos sobre a temática ambiental.

As possibilidades da Educação Ambiental na Educação Infantil: o olhar do professor da primeira infância

Resumo

A Educação Ambiental no âmbito da Educação Infantil, possui diversas especificidades, visto que é nessa faixa etária que buscou desenvolver a noção de pertencimento da criança com o meio no qual está inserida. Assim buscou-se investigar a seguinte questão: Quais as possibilidades para desenvolver Educação Ambiental na primeira infância, segundo as professoras da Educação Infantil da Rede Municipal de Curitiba/Paraná? Buscando analisar como a concepção de Educação Ambiental dessas professoras influencia na compreensão do trabalho com a Educação Ambiental. Para tanto a presente pesquisa de cunho qualitativo foi realizada na cidade Curitiba/Paraná em 5 Centros Municipais de Educação Infantil, como instrumento de pesquisa optou-se pela entrevista estruturada, a qual foi realizada com 5 professoras da Educação Infantil. Por meio da análise dos dados foi possível identificar que a concepção mais presente na fala das professoras é convergente as correntes naturalista e conservacionista (SAUVÉ,2015). Além disso as professoras apontaram diversos aspectos que contribuem para que o trabalho com a Educação Ambiental ocorra na educação infantil, tais como a realização de cursos sobre a temática ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Educação Infantil, professores.

Introdução

Atualmente a temática ambiental apresenta-se como objeto de interesse e necessidade social, pois a preocupação com a resolução de problemas ambientais com o intuito de cuidar do planeta, ressalta a importância do trabalho da Educação Ambiental (EA) na escola já que a mesma está ligada à ampliação da cidadania voltada ao bem comum.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental (DCNEA), a Educação Ambiental deve estar presente no currículo do ensino formal, de modo contínuo, permanente e interdisciplinar. Além disso, no art. 3º (BRASIL,2012, p.2) defende que a EA "visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído." Assim, ressaltamos a importância da EA em todos os níveis de ensino.

Nessa perspectiva buscamos compreender as possibilidades para desenvolver EA na primeira infância, segundo as professoras da Educação Infantil da Rede Municipal de Curitiba/Paraná, além de analisar como a concepção de EA dessas professoras influencia na compreensão do trabalho com a Educação Ambiental. Para tanto optamos por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo na cidade Curitiba/Paraná, a coleta de dados foi realizada em 5 Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), por meio da entrevista estruturada, a qual foi realizada com 5 professoras da Educação Infantil.

Foi possível identificar que a concepção de EA mais presente na fala das professoras é convergente as correntes naturalista e conservacionista (SAUVÉ,2015), as quais prezam pela preservação do meio ambiente e valorização da natureza. Pode-se identificar que tais correntes naturalista e conservacionista guiam o trabalho pedagógico das professoras, no que diz respeito a inserção da Educação Ambiental na Educação Infantil.

Outro aspecto que chamou que se destacou foram as possibilidades apresentada pelas professoras, para a efetivação do trabalho com a EA na Educação Infantil. As professoras compreendem que a realização de cursos sobre a temática ambiental, bem como a obrigatoriedade de práticas de Educação Ambiental serem inseridas cotidianamente nas instituições de Educação infantil, são fatores que colaboram para que a Educação Ambiental aconteça na Educação Infantil.

Educação Ambiental na Educação Infantil: a partir das correntes propostas por Sauvé

De acordo com Morales, (2009 p.23) "a EA apresenta-se com a finalidade de preparar profissionais com novas mentalidades e valores socioambientais, capazes de compreender as complexas inter-relações e motivados a exercer ações reflexivas e críticas". Nesse sentido a DCNEI (BRASIL, 2009, p. 12) define a criança como

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca,

imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Pode-se dizer, que a criança pensa sobre o mundo e atribui sentido a partir do que lhe é oferecido e não passa intacta ao que lhe oferecem na instituição de EI. Por esse motivo, acredita-se que nesse período pode ser apresentado e mais facilmente compreendido pelas crianças as questões relacionadas à humanidade.

Assim as DCNEI (BRASIL, 2009, p. 16) apresentam alguns princípios que estão intrinsicamente ligados a EA:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Com base nesta perspectiva entender e identificar os conceitos e percepções que possuímos nos possibilita uma reflexão ativa sobre o nosso agir tanto individual, quanto em um âmbito social. Para Saheb (2013, p.15) "a análise das diferentes maneiras de conceber e praticar a EA contribui para que possamos identificar as que convergem com o contexto de pesquisa ou de intervenção, e escolher então as que poderão subsidiar a nossa própria prática".

Diante disto, é importante ressaltar que a EA possui diversas perspectivas, a esse Sauvé (2015, p.17) define quinze correntes de EA divididas em dois grupos. O primeiro refere-se às correntes mais antigas sendo elas: naturalista, conservacionista/recursista, resolutive, sist mica, científica, humanista e moral/ tica, como sendo as mais utilizadas com mais intensidade. O segundo grupo corresponde as correntes mais recentes: holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, da ecoeduca o e da sustentabilidade.

Sendo assim as correntes propostas por Sauvé (2005) ressaltadas aqui serão a perspectiva de EA crítica, sist mica, holística, da sustentabilidade, humanista e moral/ tica, pois as mesmas estão em consonância com a prática de EA proposta tanto nas DCNEI, quanto nas DCNEA. A corrente Crítica social proposta por Sauvé (2015) tem sua inspira o na teoria crítica desenvolvida nas ciências sociais adotando uma postura emancipadora e libertadora com a qual se analisa as dinâmicas socioambientais e seus problemas. Neste sentido

Trata-se de uma postura corajosa, porque ela começa primeiro, por confrontar a si mesma, (a pertinência de seus próprios fundamentos, a coerência de seu próprio atuar) e porque ela implica o questionamento dos lugares-comuns e das correntes dominantes. (SAUVÉ, 2015 p.30):

A corrente **sist mica**, centra-se na análise dos componentes que integram um sistema ambiental, as intera oes, rela oes de causa entre eventos e situa oes observados. Para Saheb (2013, p. 97):

O enfoque sist mico   convergente com a perspectiva interdisciplinar da EA visto que há a necessidade de se considerar a disposi o das partes ou dos elementos de um todo, coordenados entre si, e que funcionam como estrutura organizada (abordagem sist mica). A interdisciplinaridade, assim como a visão holística e sist mica, compõe facetas complexas, porém necessárias, de tratamento das questões ambientais.

A corrente **humanista** compreende o meio como o meio de vida, com suas dimensões sociais, culturais, políticas e históricas. Isto   "o enfoque   cognitivo, mas além do rigor da observa o, da análise e da síntese, a corrente humanista convoca também o sensorial, a sensibilidade, a criatividade" (SAUVÉ, 2005, p.25). Portanto não pode ser abordada sem levar em considera o seu valor simbólico. Contudo, Saheb (2013, p.16), exemplifica que:

A corrente *humanista* baseada nos estudos das Ciências Humanas e da Geografia valoriza a interpreta o dos contextos locais, destacando sua dinâmica de evolu o histórica e seus componentes simbólicos. Considerando que o fundamento da rela o com o meio ambiente   de ordem  tica, a corrente moral/ tica propõe que   neste nível que se deve intervir de maneira prioritária, ou seja, uma EA voltada   constru o de valores ambientais.

A corrente **moral/ tica** propõe o desenvolvimento de valores ambientais. Colocando em questão o papel e a responsabilidade que o indivíduo perante suas a oes, visando o desenvolvimento de uma moral ambiental, bem como uma competência  tica, como o intuito de criar seu próprio sistema de valores. A corrente Holística tem um enfoque na análise racional das realidades ambientais e dos sujeitos nela envolvidos, contemplando o todo englobando todas as rela oes estabelecidas em plano planetário. A corrente Ecoeduca o apresenta como ponto central a parte educacional da Educa o Ambiental, no entanto "não se trata de resolver problemas, mas de aproveitar a rela o com o meio ambiente como cadinho de desenvolvimento pessoal, para o fundamento de um atuar significativo e responsável" (SAUVÉ, 2005, p.35 e 36), buscando uma ecoforma o, ou seja, uma educa o que se interessa pela forma o individual do indivíduo, por suas rela oes estabelecidas com o meio e com o mundo, bem como, uma ecoontog nese que ressalta a importância dos vínculos com o meio ambiente.

A corrente da sustentabilidade apoia-se nas recomenda es da Agenda 21 e nos programas propostos pela UNESCO, como descrito por Sauvé (2005, p.37) "trata-se de aprender a utilizar racionalmente os recursos de hoje para que haja suficientemente para todos e se possa assegurar as necessidades do amanhã. A educa o ambiental torna-se ferramenta, entre outras, a serviço do desenvolvimento sustentável".

Neste contexto Saheb (2013, p.18) afirma que "o desenvolvimento sustentável seria uma nova forma de produzir e progredir sem causar destrui o ao meio ambiente, ou seja, significa satisfazer as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gera es futuras de satisfazerem as suas". Portanto, seu foco voltado para o desenvolvimento socioecon mico da humanidade, bem como na conserva o dos recursos naturais, para as futuras gera es.

Destaca-se então o papel da EA nesse processo que segundo Torales (2006, p.58):

[...] a inser o da educa o ambiental não se efetivará no âmbito escolar, enquanto os professores não tomem para si essa responsabilidade, bem como parte de seu labor profissional, bem como em termos pessoais como coletivos, considerando sua atua o, intencionada ou não, como possibilidade de estímulo   participa o da comunidade escolar, denotando um processo político e ideológico diante da op o pela mudança em sua a o pedagógica.

Sendo assim,   a partir das concep es de cada professor (a) que se constroem as práticas vivenciadas pelas crianças, pois a prática   a expressão de seus ideais, bem como suas experiências. Decorrente disto surge   pertinência do tema.

Metodologia

A pesquisa de abordagem qualitativa possibilita que o pesquisador tenha um contato mais direto com o meio estudado e que os dados sejam coletados da maneira mais minuciosa, tem como foco "compreender e aprofundar os fen menos, que são explorados a partir dos participantes em um ambiente natural e em rela o ao contexto" (SAMPIERI, 2013, p.376).

Para que se cumpra com os objetivos apresentados nesse artigo, foram propostas algumas etapas para a realização desta pesquisa, visto que, um método científico inclui na maior parte das vezes o problema, a coleta de dados, os resultados e a discussão e os pesquisadores tendem a seguir uma estrutura que contribui para o engajamento de problema de pesquisa, metodologia e objetivos (CRESWELL, 2014). Para tanto nesta pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos:

Análise documental: A qual foi realizada nos documentos legais que dizem respeito a Educação Ambiental, além disso buscou-se dar enfoque aos documentos da Prefeitura Municipal de Curitiba/Paraná, no âmbito da Educação Infantil.

A pesquisa de análise documental está restrita à análise de documentos que podem se caracterizar como primários e secundários, além de públicos e particulares, segundo Marconi e Lakatos (2003), no entanto, esses contribuem para a pesquisa qualitativa como um complemento para os demais instrumentos. Nesta pesquisa, os documentos se caracterizam como primários sendo de fonte pública e documentos oficiais, o que, para Marconi e Lakatos (2003, p.176) “constituem a fonte mais fidedigna de dados”. Neste sentido, o pesquisador precisa estar atento na seleção, buscando fazer comparações entre os materiais para extrair e interpretar os dados da maneira mais minuciosa possível.

A análise documental contribuiu também para a escolha do campo de pesquisa, visto que optamos por realizar a pesquisa com profissionais que já tiveram, por meio de cursos ofertados pela Rede Municipal de Curitiba, contato com a Educação Ambiental. Assim o campo de pesquisa constituiu-se de 5 Centros Municipais de Educação Infantil, os quais abrangeram as seguintes regionais da cidade de Curitiba, a regional se caracteriza pelo território em que a cidade está dividida administrativamente. A cidade de Curitiba se divide em 10 regionais (Bairro Novo, Boa Vista, Boqueirão, Cajuru, Cidade Industrial de Curitiba (CIC), Matriz, Pinheirinho, Portão, Santa Felicidade e Tatuquara), as quais são responsáveis pelas atividades descentralizadas. Optamos por realizar a pesquisa nas seguintes regionais: Bairro Novo, Boa Vista, Matriz, Portão e Santa Felicidade, buscando uma amostragem dessas regionais.

Entrevista: Após a seleção dos Centros Municipais de Educação Infantil, a pesquisadora entrou em contato com estes, explicando sobre a pesquisa e perguntando se o professor que realizou o curso tinha interesse em participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com 5 professores atuantes na Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Curitiba/Paraná. **Dentre os 5 professores, 4 possuem formação em Magistério, ou seja, realizaram sua formação profissional no Ensino Médio, todas cursaram Pedagogia. Apenas 3 professores têm pós-graduação na área da Educação. Para manter o sigilo sobre os entrevistados as professoras foram codificadas da seguinte maneira: P1, P2, P3, P4 E P5.**

A entrevista semiestruturada se constitui como um dos principais instrumentos utilizados em pesquisas, pois permite ao investigador atingir diversos públicos e articular diferentes assuntos. Esta “pode ser utilizada em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas” Bogdan e Biklen (1994, p.134). O papel do pesquisador é essencial na entrevista, pois não se pode manter uma rigidez no assunto, tal qual o entrevistado não consiga sentir-se à vontade para falar, mas também não se pode fugir muito do assunto, o pesquisador é o responsável por manter esse equilíbrio. Também explicar ao entrevistado todos os passos da entrevista, bem como comunicar que manterá sigilo do sujeito pesquisado.

Análise dos dados: Para a realização da análise de dados utilizamos as entrevistas e a análise documental. Para a interpretação dos dados optamos pela análise de conteúdo a qual se constitui em uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e de descrições sistemáticas, auxiliando o pesquisador a alcançar um significado que transcende a leitura comum. Para Bardin a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2011, p. 47).

Ou seja, o pesquisador pode aplicar em diversos discursos e cabe a ele compreender o que está por trás das mensagens. Acaba por ser um trabalho duplicado, visto que o pesquisador recebe o dado compreende seu sentido e busca ampliar seu olhar para encontrar outros sentidos que possam estar implícitos nos fragmentos da fala.

Bardin (2011) apresenta três fases fundamentais para a utilização da análise de conteúdo: a pré análise na qual ocorre o primeiro contato com o material a ser analisado, a formulação dos objetivos e a elaboração dos critérios de análise; o segundo é a exploração do material e tratamento dos resultados que compreende a fase de escolha dos códigos de classificação, a escolha de categorias, o agrupamento de materiais e a confirmação por meio da teoria, por fim a última fase que é a inferência e a interpretação a qual alicerçada nos resultados o pesquisador busca dar sentido, significá-los e validá-los, ressaltando sempre o que se encontra por trás da leitura prévia. Nesse âmbito foram elencadas duas categorias, as quais serão analisadas a seguir.

Concepção de Educação Ambiental

Para realizar a análise que diz respeito a concepção de Educação Ambiental das professoras pesquisadas, optamos por utilizar como base teórica

a cartografia da EA proposta por Sauvé (2015). Entendemos que a concepção de Educação Ambiental é algo que se constrói cotidianamente, ou seja, desde que o indivíduo nasce, iniciam-se suas primeiras impressões sobre a Educação Ambiental. Ao longo da vida a construção desta concepção sofre diversas influências externas, tais como a mídia, a sociedade e o meio no qual o indivíduo se insere. Assim por meio da entrevista realizada, buscamos compreender como os participantes da presente pesquisa compreendem a Educação Ambiental e quais influências foram mais fortes na construção dessa concepção.

Pudemos identificar por meio da presente pesquisa que se destacaram duas das correntes propostas por Sauvé (2015), a primeira delas diz respeito a corrente conservacionista/recursista, na qual as propostas são centradas na conservação da natureza, se trata de uma natureza entendida como recurso, a qual está presente na corrente que se preocupa principalmente com a gestão dos recursos naturais, bem como com a reciclagem. Nesse âmbito a professora P5 compreende que a Educação Ambiental é importante para que

“Se preserve o meio ambiente, pois estamos em um lugar que tem muito lixo jogado por tudo. É preciso que a gente entenda que um papel de bala está poluindo o ambiente.”

Nessa mesma perspectiva a professora P3 destaca que desenvolve diversas atividades com as crianças

“Eu desenvolvi um projeto da reciclagem dentro da sala de aula, dentro de todo o CMEI, a gente trabalhou os símbolos dos lixos, a gente colocou os diferentes tipos de lixo, em todas as salas, na secretaria, em todos os ambientes do CMEI.”

Entendemos que tais práticas são de suma importância no desenvolvimento das crianças, no entanto concordamos com Carvalho (2012, p. 81) ao afirmar que é “risco reduzir o ato educativo a um repasse de informações provenientes das ciências naturais, sem correlacionar esse conhecimento com a complexidade das questões sociais e ambientais que o circundam e o constituem”. Ou seja, não podemos resumir a Educação Ambiental ao simples ato de reciclar, precisamos ir além e compreender as questões sociais, políticas e culturais envolvidas nessa ação.

A corrente naturalista foi a segunda que mais se destacou na presente pesquisa, a professora P1 apresenta aspectos de sua prática

"Eu deixo que eles explorem o ambiente, pegar pedras, brincar na areia, galhos, deixo brincar com o que acharem interessante."

A professora P2 relata sua mudança de percepção, quanto a brincadeira das crianças

"No início tinha medo da sujeira, que colocassem coisas na boca, não só eu todas as professoras, mas depois de realizar um curso sobre brincadeiras com a natureza fui percebendo que era normal. Não só normal, mas importante que as crianças tivessem contato com a natureza, comecei a pensar nos espaços com essa intenção, que eles buscassem elementos naturais para brincar."

Isso denota uma mudança de referência sobre o que a professora entendia por EA, podendo-se afirmar que ela ampliou seu olhar. Silva (2010, p. 36) expõe que a criança inserida na EI "precisa estar vivenciando, tendo contato, com diferentes elementos, fenômenos e acontecimentos do mundo, que elas sejam instigadas por questões significativas." Em outras palavras, práticas relacionadas à concepção naturalista ampliam o vínculo da criança com o meio no qual está inserida. Por sua vez, Profice (2010) destaca que esse contato pode ir além, contribuindo para que a criança desenvolva uma afeição pelo ambiente natural, que pode influenciá-la por toda a vida, fazendo com que se torne uma protetora da vida no planeta.

Assim, ressalta-se a importância desse contato com o meio natural, como evidencia as DCNEI (BRASIL, 2010), por meio da necessidade de incentivar a curiosidade, a exploração e o questionamento das crianças sobre o meio natural. No entanto, o documento traz, ainda, a importância do social, o que nas falas das professoras não foi possível identificar. Há, portanto, uma preocupação sobre como essas concepções tradicionais têm influenciado as práticas em EA na EI, de modo que fiquem estanques no meio natural. Acredita-se e defende-se a necessidade dessas práticas, mas é preciso ir além.

Limites e possibilidades para desenvolver Educação Ambiental na Educação Infantil

Por meio da presente pesquisa pudemos compreender que no cotidiano escolar, as professoras deparam-se com muitas adversidades que dificultam ou facilitam a inserção da Educação Ambiental em práticas cotidianas. No âmbito algumas professoras apontam alguns fatores externos como impedimento para que as práticas de Educação Ambiental ocorram:

"A cooperação da direção, às vezes os colegas compram a ideia, mas a direção não coopera e aí não dá para desenvolver o trabalho." (P2).

"Temos poucos funcionários, aí não temos tempo para planejar e desenvolver as atividades." (P3).

"A falta de parceria de toda a instituição, tanto dos professores, como da secretaria e direção para comprar materiais, as meninas da limpeza que precisam ajudar e não ajudavam." (P4).

Os professores apontam diversos aspectos externos para a não inserção de práticas de Educação Ambiental no cotidiano da Educação infantil, porém não se compreendem como um elemento primordial para que essas práticas ocorram. Para Zibetti e Sousa (2007, p. 250),

o professor é definido como um ator, ou seja, um sujeito que assume sua prática de acordo com o sentido que ele mesmo lhe atribui, possuindo conhecimentos e um saber-fazer que são oriundos de sua própria atividade docente a partir da qual ele a estrutura e a orienta.

Entendemos assim que independente da influência dos fatores externos o professor pode sim desenvolver o trabalho com a Educação Ambiental, desde que essa seja uma prática que ele considere importante para o desenvolvimento das crianças. Entendemos a importância do apoio externo para que tais práticas aconteçam, no entanto não se pode apenas depender desses fatores para que as práticas ocorram, visto que muitas vezes não se tem subsídios necessários para o desenvolvimento do trabalho.

As professoras também indicaram diversas possibilidades para desenvolver o trabalho com a Educação Ambiental nas instituições de Educação Infantil, como observado na Figura 1.

Figura 1 – Possibilidades para desenvolver a Educação Ambiental

Fonte: as autoras (2018).

Para as professoras os elementos mais importantes para que as práticas de Educação Ambiental ocorram cotidianamente são: o auxílio da pedagoga, ser uma prática obrigatória, horta e espaço verde. No que diz respeito ao auxílio da pedagoga, entende-se que esta profissional possui papel fundamental na inserção de tais práticas, pois os professores sentem-se mais seguros e estimulados a trabalhar temáticas como a Educação Ambiental, como se pode confirmar nas falas a seguir:

É muito bom quando a pedagoga participa das atividades, se envolve, muitas vezes a gente não compreende e ela está ali do lado para ajudar (P2).

A participação da pedagoga faz muita diferença, quando eu fui fazer o curso, por exemplo, ela trazia materiais, discutia. Ela sempre se envolvia nas atividades e dava devolutiva do que eu fazia (P3).

É muito bom o acompanhamento da pedagoga e da diretora, pois muita coisa a gente deixa de fazer por falta de parceria, o pouco que consegui fazer aqui no CMEI foi com a ajuda delas. Querendo ou não, elas têm voz de autoridade, eu dava a ideia chegávamos a um consenso, aí ela conversava com o restante dos funcionários (P4).

As professoras compreendem que a pedagoga é um elemento facilitador para tais práticas, pois com o apoio da pedagoga conseguem mais facilmente o apoio da direção pedagógica, bem como o reconhecimento dos pares. Nesse sentido, Lira (2012, p. 19) afirma que o pedagogo

[...] ocupa o lugar daquele que articula as ações construídas com base na realidade escolar e nas interações estabelecidas pelos diversos agentes educacionais (professores, gestores, alunos e suas famílias), sendo essas ações representadas por uma proposta que venha ao encontro das aprendizagens dos alunos, subsidiando a prática docente e os anseios da comunidade escolar sempre pautada em princípios éticos de valorização à diversidade.

Nessa perspectiva, o pedagogo tem papel fundamental para que as práticas de Educação Ambiental se efetivem na Educação Infantil, visto que ele pode fazer a ponte entre professores e formação continuada, bem como entre professores e comunidade escolar, dando o subsídio necessário para que os docentes realizem suas práticas. Apesar de existirem diversos fatores externos à escola, o pedagogo pode, sim, contribuir efetivamente com a prática pedagógica do professor.

No que diz respeito a ser uma prática obrigatória as professoras afirmam que acabam realizando o trabalho com a Educação Ambiental na Educação Infantil, não pelo fato de gostarem, mas pela obrigatoriedade que a Rede impõe ao afirmar em suas diretrizes a obrigatoriedade de trabalhar semanalmente todas as áreas de formação. Para as professoras a área de formação que abrange a Educação Ambiental é a área denominada natureza e sociedade, ou seja, as professoras colocam a Educação Ambiental como pertencente a esse eixo e buscam atividades que contemplem essa perspectiva, não compreendendo a Educação Ambiental em uma perspectiva transversal, que perpassa por todas as áreas de formação, tornando-a muitas vezes uma prática eventual, visto que na área de formação natureza e sociedade outras questões precisam ser abordadas. De acordo com Hargreaves (2002, p. 114)

Os professores não alteram e não devem alterar suas práticas apenas porque uma diretriz lhes é apresentada, e eles se sentem forçados a cumpri-las. Eles não podem evocar novas práticas a partir de nada ou transpô-las de imediato do livro didático para a sala de aula. Os profissionais necessitam de chances para experimentar a observação, a modelagem, o treinamento, a instrução individual, a prática e o *feedback*, a fim de que tenham a possibilidade de desenvolver novas habilidades e de torná-las uma parte integrante de suas rotinas de sala de aula.

Assim os professores precisam ir além das propostas impostas pelas instituições, compreendendo a importância do seu trabalho no desenvolvimento infantil. Os professores precisam também experimentar, conhecer, vivenciar, para significar essas práticas, podendo, assim, fazer com tais práticas se tornem parte do seu planejamento, por escolha e não por obrigação.

No que se refere a horta e ao espaço verde, pudemos perceber por meio de algumas falas que as para as professoras a horta se constitui como um lugar para desenvolver práticas de Educação Ambiental. Contudo a horta segundo as professoras não faz parte do espaço verde, o qual as professoras sentem necessidade que haja na instituição para que possam possibilitar as crianças contato com o meio natural. Conforme falas a seguir:

Aqui no CMEI tem horta, a gente leva as crianças lá, elas plantam colhem, molham as plantinhas, mas sinto falta mesmo do espaço verde para elas correrem, brincarem. (P4)

Não tem lugar para brincar fora da sala não, tudo é calçada aqui. Tem a horta, mas lá não dá para explorar os elementos da natureza. (P5)

Nessa perspectiva concordamos com Segura (2001, p. 165), ao afirmar que

Quando a gente fala em educação ambiental pode viajar em muitas coisas, mas a primeira coisa que se passa na cabeça do ser humano é o meio ambiente. Ele não é só o meio ambiente físico, quer dizer, o ar, a terra, a água, o solo. É também o ambiente que a gente vive – a escola, a casa, o bairro, a cidade. É o planeta de modo geral. [...] não adianta nada a gente explicar o que é efeito estufa; problemas no buraco da camada de ozônio sem antes os alunos, as pessoas perceberem a importância e a ligação que se tem com o meio ambiente, no geral, no todo e que faz parte deles.

Denota-se assim a necessidade de as professoras compreenderem que a Educação Ambiental não se constitui apenas em espaços verdes, ou na exploração de elementos da natureza. Como já mencionamos acreditamos na importância de se trabalhar nessa perspectiva mais naturalista (SAUVÉ, 2015) para que haja uma sensibilização das crianças. Porém é necessário ir além e compreender que a Educação Ambiental pode ser inserida no cotidiano das crianças, mesmo que não haja espaços verdes nas instituições de Educação Infantil.

Os outros dois aspectos mais citados pelas professoras, 4 de 5 professoras entendem que os projetos da Rede Municipal de Curitiba e a sua experiência pessoal são elementos que facilitam o desenvolvimento do trabalho com a Educação Ambiental.

Entendemos que no que diz respeito aos projetos institucionalizados pela Rede Municipal de Curitiba, entra no que já foi analisado anteriormente, como a obrigatoriedade para que as professoras desenvolvam atividades relacionadas as áreas de formação. No entanto o que destacamos nesse aspecto, já trazendo para a discussão outro elemento citado pelas professoras é a oferta de cursos sobre a temática ambiental. Visto que quando a Rede trabalha com tais projetos ela oferece diversos cursos para instrumentalizar as professoras, sobre as temáticas, assim as professoras entendem esses cursos como facilitadores como notamos nas falas a seguir:

"Quando a gente tem curso é mais fácil de realizar as práticas, pois nos cursos muitas vezes temos ideias de como fazer as atividades com as crianças." (P1)

"Os cursos são bem válidos, pois sempre vem pessoas que nos ajudam a entender como fazer, trazendo experiências delas ou de outras pessoas." (P4)

Ou seja, as professoras esperam uma formação que as ensine como fazer, como aplicar as atividades e não uma formação que as leve a reflexão sobre sua prática. Assim entendemos que a formação oferecida aos docentes para além de receitas precisa propiciar a reflexão para que os professores pensem sobre sua prática. Ou seja, reflitam sobre o que fazem com intuito de melhorar sua prática pedagógica cotidianamente, com o auxílio dos cursos oferecidos.

No que diz respeito a experiência pessoal as professoras afirmam que a vivência delas é fator determinante para que trabalhem com a Educação Ambiental, conforme falas a seguir:

"Minha vivência no interior me ajuda muito, pois sei a época de plantar, o que plantar como adubar. E tudo isso aprendi quando era criança e hoje tento passar para a minha turma." (P1)

"Eu cresci no interior, aí já vii sei como as coisas precisam acontecer, por isso tenho facilidade para trabalhar Educação Ambiental, faço horta todo ano aqui no CMEI." (P3)

"Sempre gostei da terra, dos animais, acho isso me estimula a trabalhar com essas coisas." (P5)

Salientamos aqui uma perspectiva de trabalho naturalista, a qual muito tem a ver com a concepção apresentada pelas professoras na primeira análise. Entendemos que isto se deve a diversos fatores como explica Carvalho (2012, p. 35),

Quando falamos em meio ambiente, muito frequentemente essa noção logo evoca as ideias de 'natureza', 'vida biológica', 'vida selvagem', 'flora e fauna'. Tal percepção é reafirmada em programas de TV como os tão conhecidos documentários de Jacques Cousteau ou da National Geographic e em tantos outros sobre a vida selvagem que moldam nosso imaginário acerca da natureza. Até hoje esse tipo de documentário serve de modelo para muitos programas ecológicos que formam as representações de meio ambiente pela mídia.

Como já mencionado, a concepção das professoras sobre Educação Ambiental incide diretamente em sua prática. Essa concepção é construída ao longo de sua vida e sofre influências diversas, como a mídia, suas vivências e sua formação. Assim, quando pensam a respeito dos conhecimentos necessários para desenvolver a temática ambiental em seu nível de ensino, não deixam de lado suas crenças e percepções, caracterizando-se por uma concepção naturalista e conservacionista (SAUVÉ, 2015) na maioria das vezes. Desse modo entendemos que outro item de destaque pelas professoras que é a inserção de elementos naturais em sala de aula tem relação com sua concepção e principalmente com suas vivências como docente na Prefeitura de Curitiba.

O item que menos se destacou nas entrevistas foi a troca entre os pares, as professoras compreendem que essa troca não é essencial para que o trabalho seja realizado. Aliás pelo contrário acreditam que as colegas não as ajudam nessa prática, conforme falas a seguir:

"Eu prefiro que elas (as outras professoras) não se envolvam, se não vira bagunça, cada um quer fazer uma coisa diferente. Daí já vou." (P2)

"Até colaboram, às vezes, mas prefiro realizar as atividades sozinhas, pois como dizem mais ajuda quem não atrapalha." (P3)

Nessa perspectiva concordamos com Para Sacristán e Pérez Gomez (1998, p. 379) ao afirmar que,

as práticas pedagógicas, as quais consistam num: [...] processo de ação e de reflexão cooperativa, de indagação e experimentação, no qual o professor/a aprende e ensina porque aprende, intervém para facilitar, e não para impor, nem substituir a compreensão dos alunos/as, a reconstrução do seu conhecimento experiencial; e ao refletir sobre a sua intervenção exerce e sua própria compreensão.

Ou seja, a troca entre os pares é de suma importância para a realização do trabalho e até mesmo para o reconhecimento desse. Nesse sentido é preciso que os professores reconheçam no outro um ponto de apoio nos momentos de planejar e realizar as atividades. Assim entendemos que o reconhecimento entre os pares e a valorização do trabalho do outro é de suma importância, a fim de que os professores trabalhem conjuntamente na busca da inserção de diferentes e melhores práticas pedagógicas.

Considerações finais

A presente pesquisa teve como foco de investigação identificar as possibilidades para desenvolver Educação Ambiental na primeira infância, segundo as professoras da Educação Infantil da Rede Municipal de Curitiba- Paraná? Buscando analisar como a concepção de Educação Ambiental dessas professoras influencia na compreensão do trabalho com a Educação Ambiental. Para que se cumprisse com tal objetivo optou-se por realizar a entrevista semiestruturada, a qual possibilitou que se chegasse as seguintes considerações.

Foi possível identificar que as professoras possuem duas concepções de Educação Ambiental que se adequam ao que Sauvé (2015) compreende como as correntes naturalista e conservacionista. Evidencia-se a importância das correntes naturalista e conservacionista na Educação Infantil para que haja uma sensibilização das crianças desde cedo quanto à natureza. Também se acredita na importância do contato da criança com elementos naturais, para que se sinta parte do meio natural, mas reitera-se que as práticas pedagógicas não devem permanecer apenas com esse foco; é necessário que sejam ampliadas, visando à inserção dessas crianças futuramente em uma perspectiva crítica-social (SAUVÉ, 2005) de Educação Ambiental. Defende-se que essa sensibilização por correntes mais tradicionais contribui efetivamente para que a criança aos poucos se perceba como parte do meio e, principalmente, como agente transformador desse meio.

Foi possível identificar que são diversos os fatores que, segundo as professoras, impossibilitam que elas se efetivem nas instituições de Educação Infantil, como a falta de envolvimento dos demais profissionais atuantes nos CMEIs, como pedagogo, diretor, equipe de limpeza e até mesmo outros professores. As professoras apontaram também a falta de espaço verde como um fator importante para que essas práticas não ocorram, porém não pode ser alterado se não há espaço na instituição. Contudo as professoras também apresentam diversas possibilidades que contribuem para que o trabalho na Educação Ambiental ocorra, tais como a realização de cursos sobre a temática ambiental, as hortas que estão nas instituições, mas principalmente a obrigatoriedade de práticas ligadas a natureza e sociedade.

Desse modo é preciso pensar em espaços de formação continuada em Educação Ambiental, que busquem subsidiar esses profissionais, apontando caminhos para trabalhar o tema que independam do amplo espaço verde e salientando que as práticas de Educação Ambiental podem, sim, acontecer na horta, como também fora dela, incluindo outros elementos que não sejam o plantar e o colher.

Referencias

BARDIN, Laurence. **Análise de cont duo**. São Paulo: Edi es 70, 2011.

[BOGDAN, Robert](#) e BIKLEN, Sari Knopp. **Investiga o qualitativa em educa o**: uma introdu o   teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educa o e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educa o Infantil**. Brasília, 2010.

CARVALHO, Isabel C. de Moura. **Educa o Ambiental a forma o do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

CRESWELL, Jonh W. **Investiga o qualitativa e projeto de pesquisa** escolhendo entre cinco abordagens. 3^{ed}. Porto Alegre: Penso, 2014.

HARGREAVES, Andy. **Aprendendo a mudar**: o ensino para além dos cont duos e da padroniza o. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIRA, Eleide Gomes Teixeira Torres. **A coordena o pedagógica e o processo de inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais: um estudo de caso**. Natal, 2012, 124f. Disserta o (mestrado acad mico em educa o) -UFRN.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PROFICE, Christiana Cabacieri. **Percep o ambiental de crianças em ambientes naturais protegidos** 2010. 180 f. Tese - (Doutorado em psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno & PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4^{ed}. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SAMPIERI, Roberto Hernández, **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educa o ambiental In: Sato, M.; Carvalho, I. C. M.. (Org.). **Educa o ambiental; pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educa o Ambiental na escola pública**: da curiosidade ing nua   consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

ZIBETTI, Maria Lucia Tonatto; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Apropria es e mobiliza o de saberes na prática pedagógica: contribui o para a forma o de professores. **Educa o e pesquisa**, São Paulo, v.33, n.2. p.247-262, 2007.